O DISCURSO JORNALÍSTICO NO CONTEMPORÂNEO ENTRE O VELAMENTO E A PRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS[1]

Fernando Resende[2]

***Resumo**: Na atualidade, a questão da representação das diferenças se torna relevante, considerando tanto o avanço tecnológico que propicia e exacerba a produção dos discursos mediáticos como a noção de um poder de caráter libidinal que se instala nas sociedades globalizadas. Nessa perspectiva, este ensaio problematiza a produção dos discursos jornalísticos, com o objetivo de provocar uma reflexão de viés cultural. De um ponto de vista histórico e epistemológico, quando o nosso propósito é avaliar alguns dos problemas que perpassam o campo do jornalismo, fazemo-nos valer do enunciado e preterimos a problemática da enunciação. Assim, relegamos a questão da "vontade de verdade" à dimensão de quem fala. Cientes da polarização e da pulverização das falas no contemporâneo, acompanhamos Foucault e, à luz do pensamento de Flusser sobre as imagens técnicas e suas informações indicativas, sugerimos que, na perspectiva do discurso jornalístico, é fundamental compreender os modos de encenação das notícias.*

***Palavras-Chave:** jornalismo – vontade de verdade - enunciação*

DA VONTADE DE VERDADE

Riobaldo, que em *Grande Sertão: Veredas*, constantemente, apresenta-se como um narrador preocupado com a difícil tarefa de contar o acontecido, diz-nos que "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia" (ROSA, 2001: 80). Sua preocupação, quando levamos em consideração a variedade de dispositivos tecnológicos a que hoje temos acesso, apresenta-se primeiramente relevante porque nos coloca diante de uma problemática que na contemporaneidade tem se mostrado cada vez mais central: como narrar, nos dias atuais, as histórias do cotidiano e do mundo? Além disso, vale também ressaltar, sua constatação é de particular relevância porque aponta a idéia de que o processo de construção narrativa possa ser tão significativo quanto o fato narrado. Se, como afirma o narrador, é no meio da travessia que nos deparamos com o real, podemos pensar que é no gesto narrativo propriamente dito que podemos nos fazer mais próximos do acontecido.

A certeza que hoje temos, com o desenrolar dos acontecimentos no mundo contemporâneo, de que o avanço tecnológico não tenha criado, necessariamente, maior possibilidade de comunicação (MORIN, 1981) – se apreendemos a noção de

---

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Estudos do Jornalismo", do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

[2] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). fernando@com.puc-rio.br

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

comunicação como algo para além do mero ato de transmitir informações – parece nos levar a uma dimensão ampla da problemática: quando o fato de nos dispormos das técnicas não implica diretamente troca ou, dito de outra forma, se o diálogo entre o um e o outro não acontece tão-somente porque temos acesso a toda a tecnologia aparentemente necessária, há que se problematizar os interstícios da fala, não só para procurarmos identificar as razões pelas quais perdemos a possibilidade do diálogo, mas para que possamos conhecer os aspectos que viabilizariam, através dos meios de que dispomos, a instalação de um processo dialógico. Assim, na perspectiva das mediações e sabedores de que a técnica, por si só, não garante a comunicação, parece-nos fundamental indagar quais outros elementos também precisamos identificar, a fim de que possamos prosseguir na nossa incansável busca de nos fazermos mais próximos de um real possível, este que nos ajude a melhor apreender o ato de estar no mundo.

O campo dos media vive um processo de correlação de forças com vários campos sociais – políticos, econômicos, culturais, religiosos, entre outros – já que ele se faz estrutural na constituição e na composição desses lugares. Tendo em vista o fato de que ao jornalismo, mais especificamente, cabe a tarefa de dizer sobre e para as demais instâncias sociais, havemos de considerar que um dos lugares possíveis em que se instala a correlação de forças, com todas as suas assimetrias e fragmentações, é o campo do discurso. Instância fundamental para se pensar a questão da representação quando, no momento atual, as noções alteradas de espaço e tempo reconfiguram os papéis e as pertinências tanto dos campos como dos atores sociais que constituem a sociedade e com os quais os produtos mediáticos, invariavelmente, dialogam.

Sob essa ótica, a questão central que permeia este ensaio refere-se mais especificamente aos processos de velamento e produção das diferenças na perspectiva dos produtos jornalísticos – uma intrínseca relação com a questão da enunciação. A referência a FOUCAULT (1996) nos parece fundamental, quando entendemos que o gesto de proferir um discurso implica o que este autor chama de “vontade de verdade”. Ao trabalhar com os três procedimentos de exclusão nos quais opera a produção do discurso (a interdição, a segregação e a vontade de verdade), FOUCAULT (1996) explicita os modos de legitimação do lugar do sujeito falante, calcando estes modos nas condições sociais em que se operam e proferem os discursos.

Tomando o terceiro procedimento – a vontade de verdade – como centralizador, porque ao mesmo tempo em que reformula, legitima os outros dois, o autor nos auxilia a pensar no campo dos media, e, portanto nos seus lugares de fala, como legitimador da

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

nossa vontade de verdade. Se para FOUCAULT (1996), as sociedades do saber eram outrora as instâncias legitimadoras de uma fala que se pretendia verdadeira, podemos supor que hoje a mídia, com o seu amparo institucional e através dos seus objetos que produzem falas, constitui-se como uma instância fundamental, porque certamente reguladora e mantenedora de um *status quo* que visa à ordenação dos fatos que tecem nossas relações sociais. Trata-se de pensar que é dada ao campo do jornalismo a tarefa de produzir saber acerca dos acontecimentos do mundo, tarefa que lhe é outorgada tanto porque detém a tecnologia – uma força maquínica incomensurável – como também porque outras instituições produtoras de saber – estas, de caráter pedagógico – conferem aos que proferem os discursos da mídia o direito da fala. A partir desses lugares, pelo desejo e pelo poder, revestidos da vontade de verdade, os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante.

FOUCAULT (1996) nos alerta também para o fato de que o procedimento da segregação, ainda que esteja cada vez mais enfraquecido, não sofre necessariamente uma ruptura, pois, diz o autor, "(...) é sempre na manutenção da cesura que a escuta se exerce" (1996: 13). Ou seja, no campo dos media, essa condição se confirma: o outro que por vezes fala, fala sempre de um deslugar, porque invariavelmente fala através daqueles que lhes concedem este direito, uma condição antes de autoridade, muito distante do que se espera de um exercício de alteridade. E é este procedimento, cumpre fazer notar, que reitera aquele primeiro, o da interdição, o indicador de que "não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (FOUCAULT, 1996:09).

Assim, este círculo vicioso que se configura no campo dos media corrobora a idéia de que a verdade está antes no que o discurso diz, no seu enunciado, nunca, porém no que ele faz ou mesmo no que ele é. No campo dos media, o jornalismo, não de forma exclusiva, mas muito especialmente, é exemplar na reiteração deste pressuposto: quem fala e de onde fala são critérios absolutamente relevantes e definidores do que é ou deixa de ser verdade. Cremos ou fingimos crer na idéia de que a verdade ali está, seja porque o lugar de representação do acontecimento é institucionalmente legitimado ou porque aquele que profere o discurso, na figura mesmo do sujeito que fala, tem credibilidade; ainda que às vezes possamos dele duvidar, vale dizer, por razões quase sempre ideológicas.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

No entanto, se este círculo parece fechado e não oferecer brechas para reflexão, é exatamente a partir da lógica que nele se encerra que podemos, acompanhando a reflexão de FOUCAULT (1996), questionar e problematizar a vontade de verdade. Diante do quadro contemporâneo de multiplicação das mídias, ou de proliferação dos discursos – conseqüência direta do próprio avanço tecnológico –, como fica a questão da vontade de verdade assentada no quem ou no lugar de fala? Seria a condição contemporânea, momento marcado por uma forte presença das máquinas como lugares de produção dos discursos, um dado que nos possibilita reavaliar o procedimento da interdição? Será verdadeiro nos tempos atuais (para continuarmos raciocinando com FOUCAULT), que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar? Ao proliferarem as mídias, estaríamos simplesmente diante de um quadro de multiplicação de lugares nos quais a vontade de verdade se manifesta ou estaríamos sendo confrontados com múltiplas versões do que possa ser ou não verdade? Este parece ser um grande desafio.

A POLARIZAÇÃO E A PULVERIZAÇÃO DAS FALAS

A título de exemplo, lembremo-nos da seguinte situação: à época da invasão sofrida pelo Iraque, no ano de 2003, vários jornais – impressos, televisivos e outros – noticiavam o acontecimento ora da perspectiva dos invasores ora, diziam os objetos da mídia, da perspectiva dos invadidos. Os *embedded journalists*, acoplados aos tanques de guerra para que pudessem narrar o fato com maior fidelidade, acabaram por revelar quão frágeis são os discursos que sobrevivem de informações indicativas, estes que se apóiam na vontade de verdade como o seu condicionante primeiro[3]. Um olhar mais atento aos relatos da CNN – empresa de mídia estadunidense que na época vendia e propagava para o mundo as notícias oficiais sobre o que chamavam de "guerra contra o mal" –, nos faz perceber que os dizeres eram, com exclusividade, aquilo que o país invasor nos queriam fazer crer. A entrada em cena da Al Jazeera – rede televisiva de origem árabe que se dizia mais apta a contemplar e relatar os fatos da perspectiva dos invadidos –, indubitavelmente um marco no cenário da mídia contemporânea, polarizou os discursos: se a guerra era contra o mal, o mal agora se dispunha a falar.

[3] FLUSSER (2002) divide as informações contidas nos discursos em indicativas, imperativas e optativas. A primeira delas, para o autor, é a classe das chamadas "informações jornalísticas" e tem a verdade como o seu ideal clássico. Também parece interessante notar que tal classificação de informações nos remete diretamente ao que diz FOUCAULT (1996) em relação aos procedimentos de exclusão que são internos ao discurso; este é o caso dos produtos da mídia especificamente tratados neste ensaio.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Este processo de polarização das falas, um exemplo dos modos de manifestação do conflito no espaço da mídia, não traz como novidade o fato de que cada um, do seu lado, tenha algo a dizer, este aspecto já é sabido desde que o homem busca formas de se expressar. O novo vem particularmente do fato de que as falas polarizadas fazem saltar aos olhos uma situação que é específica do contemporâneo e que tem absoluta relação com o próprio avanço tecnológico: os relatos nos chegam com mais velocidade, de todos os lados, por vários meios e de diversas formas. Muito provavelmente, nunca antes no Ocidente – pelo menos da perspectiva do Brasil – notou-se uma presença tão significativa de uma mídia nascida do lado de lá. Ou seja, a Al Jazeera invade, com sua força local e no mesmo tempo real das outras redes, o espaço mediático antes mais facilmente dominado pelos Estados Unidos.

Sua chegada, com tamanha força e rapidez, nos faz defrontar com o fato de que cada discurso a seu modo, em concomitância, quer ser apresentar mais verdadeiro que o outro. Ambas as falas ancoram-se, com veemência, na suposta legitimidade tanto do sujeito falante como do lugar de onde se fala. E desse modo, a simultaneidade de exposição desses dizeres, que nos chegam através dos discursos da mídia, é fundamental para entendermos que o embate alcança o seu extremo, reduzindo o discurso à sua vontade de verdade, procedimento que se exacerba a partir da luta pela ocupação do espaço mediático.

Não bastasse esta polarização, os relatos nos chegam de vários lugares e de formas diversas: *weblogs* noticiosos e de cunho pessoal, de habitantes do país invadido ou do país invasor, que relatam os fatos na perspectiva que lhes convém; filmes, documentários e programas de TV a cabo, que buscam narrar os fatos de formas distintas das que nos chegam pela mídia oficial; outros meios impressos, inclusive livros, que revelam histórias não contadas nos grandes jornais; textos, muitas vezes encontrados na chamada "grande imprensa" que, em situações extremas, abrem espaço para formas variadas de relatar o cotidiano, por exemplo, de um país em guerra.

Desse modo, a pulverização da fala, somada à polarização, por explicitarem e tornarem evidente a vontade de verdade como marca do discurso da mídia, nos impele à indagação acerca da própria verdade, fazendo-nos duvidar das legitimidades dos lugares e dos sujeitos falantes que se impõem nos dizeres da mídia. Por exemplo, no caso específico que descrevemos, se um desses lugares tão insistentemente se propõe a falar do lado do bem, o suposto representante do mal faz o mesmo, dizendo "o mal não está aqui". Tal qual em um fogo cruzado, procuramos fugir dos ataques, indagando-nos:

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

quem, ou qual relato de que lugar, diz a verdade? Afinal, lembra-nos bem FOUCAULT, "o discurso verdadeiro", que é antes desejo e poder, "não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la" (1996:20).

Assim, o procedimento da interdição, com o apoio das máquinas que propagam os dizeres, é reavaliado, não exclusivamente porque agora qualquer um pode falar de tudo de qualquer lugar, mas especificamente porque, com o avanço da tecnologia, muitos podem falar ao mesmo tempo de vários lugares. Do ponto de vista da reflexão acerca dos discursos jornalísticos, que tanto se ancoram no pressuposto de que ali esteja contida uma verdade, a situação social e tecnológica do contemporâneo renova nossas condições de reflexão: o que a polarização e a pulverização das falas de fato nos revelam é que se tudo é vontade de verdade, a verdade, ou mesmo a não-verdade, pode estar em vários lugares e em várias falas. E nesse quadro, além de ser importante saber o que o discurso diz, é fundamental investigar o que ele faz.

VELAMENTO E PRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS

O desafio que nos é imposto, porém, não é de fácil solução, pois o mesmo avanço tecnológico que polariza e pulveriza as falas as torna, muitas vezes, submetidas a um processo de apagamento. O avanço tecnológico que experimentamos com extrema força e velocidade no século XX nos colocou antes a serviço das máquinas. Envoltos em um imaginário secular que tem como princípio o progresso e o ordenamento do mundo, vivemos em busca de fórmulas facilitadoras que nos ajudem a apreender o mundo de forma simples; queremos tê-lo explicado, muito mais que problematizado.

Nesse sentido, a tecnologia – particularmente com os seus aparelhos produtores de imagens – cumpre um papel central. Vilém FLUSSER chama atenção para o fato de que as imagens técnicas interpõem-se entre o homem e o mundo, funcionando, na verdade, como biombos. Para este autor,

> o homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas (2002:09).

Tal observação põe em questão o fato de que as imagens produzidas pelas máquinas têm cumprido, de certa forma, a função de nos explicar o mundo, servindo como objetos facilitadores; quando vemos o que é "dito" pelas imagens, acreditamos ter

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

ali o mundo fielmente representado[4]. Segundo o autor, a imagem técnica tem uma natureza explicativa e é constitutiva de uma suposta verdade, o que faz com que "o observador [confie] nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos" (2002:14).

O pensador vai além quando nos chama atenção para o modo que as lemos, pois fazemos com elas tal qual fazemos com o texto-notícia, tomamos o discurso naquilo que ele diz e não no que ele faz. Para FLUSSER, "quando [o observador] critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões de mundo" (2002:14). Esta questão, se estendida às problemáticas que encontramos quando tratamos de produzir e ler os escritos da mídia, ajuda-nos a melhor dimensioná-los. Lemos nesses escritos respostas que muitos deles buscam nos oferecer. Pensados na perspectiva de uma ordem explicativa, os escritos da mídia se baseiam prioritariamente em estatísticas e números. Mais uma vez, o campo do jornalismo é primoroso neste aspecto. Não se trata de pensar toda a produção jornalística sob essa perspectiva, mas, em linhas gerais, no quadro epistemológico dominante neste campo, seus números de mortos, suas definições generalizadas, seus rótulos que simplificam problemas antes de tudo complexos muito contribuem para a concepção de um mundo que parece passível de ser ordenado.

Sob essa ótica, se o que aponta FLUSSER em direção às imagens técnicas diz de um certo analfabetismo imagético, é preciso entender que o mesmo ocorre em relação aos textos, com o agravante de que a eles se sobrepõem as imagens. Ou seja, se mal sabemos ler e produzir imagens na mídia, também mal o fazemos com relação aos textos; nosso analfabetismo, por assim dizer, é anterior, data da chegada dos relatos da mídia como lugares de explicação de um mundo que inexoravelmente move.

Nesse sentido, o campo da comunicação social, este que traz o avanço tecnológico como o seu mote principal, pleno de textos e imagens baseados em informações indicativas, torna-se o lugar perfeito para a instalação do que é central para a ciência moderna: a ordenação e a explicação dos fatos. Com a força dos aparelhos que se sobrepõem aos nossos olhos, o mundo representado pela mídia sempre quis parecer mais simples do que de fato é o mundo que experimentamos.

---

[4] FLUSSER (2002) ancora-se nas nossas condições históricas e culturais para fazer uma interessante reflexão em torno da presença das imagens no mundo contemporâneo. Para este autor, as "imagens tradicionais" – os desenhos rupestres – serviam para imaginar o mundo, e quando essas imagens entram em crise os textos escritos, fundadores da história cronológica moderna, chegam para cumprir a função de explicar as imagens que imaginam o mundo.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Este é um dado histórico, os meios de comunicação se instalam com força e velocidade, principalmente, no início do século XX, quando o mundo, como um todo, vive o extremo do processo de industrialização, ou seja, quando começávamos a ser marcados por muitas das características pós-industriais. Se antes a Revolução Industrial abria as portas para a consolidação de um processo de produção em série de bens físicos, o mundo que se abre na entrada do século XX consolida a produção seriada de bens culturais. FLUSSER, ao refletir em torno do aparelho fotográfico, diz que ele "é programado para distribuição discursiva rumo ao espaço vazio, como o fazem a televisão e o rádio" (2002:46), no que, certamente, acrescentaríamos os jornais. Um "espaço vazio" ocupado por um grupo disforme para o qual e sobre o qual falam os produtos da mídia.

Este aspecto fica ainda mais claro se tomamos como referência para pensar a mídia o modelo representacional, cujo paradigma sustenta uma concepção de comunicação pouco afeita às interações e intervenções da cultura, do cotidiano e de suas práticas[5]. À luz deste modelo, entendemos melhor o que diz FLUSSER (2002) em relação ao universo das imagens técnicas, além de compreendermos como, neste lugar, a vontade de verdade parece mascarar-se com mais sucesso. Os textos e as imagens produzidos sob o julgo desta episteme encontram sua motivação e sua razão de ser no fato de que neles quanto mais pura e exata for a informação mais próximos daquele ideal de comunicação estarão os seus relatos. Trata-se na verdade de uma dimensão antes quantitativa, não há indagação em torno da qualidade da informação, mas do volume de informação (novidade) contida no relato e do quão rápido ela chega ao seu consumidor. Para FLUSSER, por exemplo, que faz da fotografia o seu pretexto para pensar as imagens técnicas, seu valor enquanto objeto é desprezível, ele "está na informação que transmite". Para este autor, "pós-indústria é precisamente isso: desejar informação e não mais objetos" (2002:47).

Este aspecto explica, por exemplo, porque o lugar institucional e o quem fala são preponderantes nas imagens e nos textos da mídia. Ao concentrarmos nossas atenções no que o discurso diz, negligenciando o que ele faz, o que nos interessa é avaliar o

[5] QUERÈ (1991) divide o olhar sobre a comunicação na perspectiva de dois modelos, o epistemológico, ou representacional, e o praxeológico. Para o autor, o representacional é aquele que se sustenta na idéia de comunicação como via de mão única e o praxeológico é o que se propõe a pensá-la na perspectiva de uma construção conjunta de um espaço público.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

enunciado, portanto saber da verdade que nele supostamente se encerra. Explica ainda o fato de que eles pretendam se apresentar limpos, livres de ruídos – à luz do modelo representacional, um empecilho para a compreensão da comunicação – tanto de caráter subjetivo (quem fala não deve se deixar apresentar), como de outros elementos que possam criar qualquer ordem conotativa. Eles querem chegar o mais próximo possível do real da coisa representada, seguros de que, desse modo, falarão a verdade, pressuposto primeiro da vontade de verdade que está neles instalada. Este aspecto explica ainda o fato de que neles a perspectiva de que há um outro para quem se fala é praticamente anulada, pois fala-se "rumo ao espaço vazio", lugar onde todas as diferenças são veladas como se fossem mortas e, ao mesmo tempo, como se pudessem ser apagadas.

Este processo de velamento das diferenças, considerando as idiossincrasias históricas, sociais e culturais dos dias atuais, convive com um outro, provocado, como queremos sugerir, pela polarização e pela pulverização dos lugares e das falas: o processo de produção das diferenças. Quando se narra o cotidiano de guerra, por exemplo, da perspectiva de vozes e lugares tão diferenciados, somos chamados a atentar para o fato de que as categorias definidas para explicar as lógicas que dominam a formatação dos textos e das imagens técnicas são mais fluidas do que se supunha. No que diz respeito à primazia da informação indicativa como uma dessas categorias, por exemplo, FLUSSER esclarece: "toda classificação de informações é mera teoria" (2002:49). Assim, a informação massificada assenta-se antes no seu pressuposto teórico, muito mais do que na prática comunicativa propriamente dita.

Desse modo, para entendermos a complexidade do processo de produção das diferenças é preciso considerar, em um primeiro momento, que no campo dos media estamos a tratar da diversidade de lugares de onde se fala. Um dado relevante, levando em conta que antes a problemática do monopólio dos meios também se atrelava ao fato de que os recursos tecnológicos disponíveis eram mais escassos. Hoje, para pensarmos a *práxis* comunicacional, por exemplo, é preciso considerar que a expansão da rede mundial de internet – um recurso relativamente recente e que progride com muita rapidez – tem um papel importante. Além disso, não há como desconsiderar outros suportes que se desdobram (os rádios, as telefonias, os televisores, entre outros) e que se tornam importantes lugares de fala no espaço da mídia contemporânea.

No entanto, ainda que o reconhecimento da presença de vozes dissonantes seja fundamental para que saibamos do conflito instalado, é também importante lembrarmos

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

que continua em jogo a busca pela verdade (FOUCAULT, 1996). Ou seja, quem fala através dos meios continua sendo aquele que se pensa mais legítimo para falar, trata-se de uma questão de alternância de papéis, ou de poderes no espaço mediático, pois quem fala é sempre um eu buscando deslegitimar um outro.

O caminho até aqui percorrido nos diz então que a produção das diferenças não se distingue, em seu propósito, do processo de velamento das diferenças. Produz-se também para um vazio já que aquele que pensa ocupar lugar no espaço polarizado e pulverizado da mídia – o que de fato acontece – é sempre sujeito de uma fala que se dá na perspectiva da sua própria vontade de verdade. Assim, entendemos, a diferença que se produz neste discurso é puro efeito, tal qual o é a verdade de que ele se vale. Nesse contexto, parece importante notar que o processo de produção das diferenças, que não resulta em relação de alteridade, é simplesmente parte de uma lógica do capitalismo tardio – quando as máquinas de produção de informação e conhecimento ganham primazia.

A ENCENAÇÃO DA NOTÍCIA: O PODER LIBIDINAL

Entretanto, se na sua perspectiva "maquínica", esta lógica desconsidera as intenções do humano, no viés da cultura, ela parece reiterar o fato de que os produtos da mídia sejam também lugares de produção de sentido, recobrando o humano que se inscreve no social e contribuindo, ao mesmo tempo, para que o processo de polarização e pulverização das falas seja redimensionado. Os Estudos Culturais representam um esforço de condução do pensamento em direções mais afeitas ao cotidiano e à cultura. Porém, para não corrermos o risco de nos prendermos a um viés culturalista, que negligenciaria a relação da cultura com a economia política, será preciso que redimensionemos o papel da teoria crítica da cultura à luz da lógica do capitalismo tardio e do papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea. Para Santiago de CASTRO-GÓMEZ (s/d:03),

> o ponto de largada dos Estudos Culturais já não são os valores, as expectativas e os comportamentos dos trabalhadores ou de qualquer sujeito social em particular, mas os dispositivos a partir dos quais os bens simbólicos (a cultura) são produzidos e oferecidos ao público como mercadoria. A análise da cultura se converte, deste modo, em uma crítica do capitalismo.

Segundo o autor colombiano, esta mudança de paradigma só é possível devido à influência de Althusser (pós anos 70), que permite aos Estudos Culturais tomar a

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

ideologia[6] como categoria analítica, entendendo a cultura como um dispositivo que promove a dominação ou a resistência, contribuindo assim para que "a sociedade seja vista como uma rede de antagonismos na qual instituições como o Estado, a família, a escola e os meios de comunicação buscam ser mecanismos de controle disciplinário sobre os indivíduos" (CASTRO-GÓMEZ, s/d:04). Para CASTRO-GÓMEZ, uma perspectiva que precisa ser recuperada ante a tendência, de cunho pós-moderno celebratório, hoje dominante em parte dos Estudos Culturais, que comemora a representação das diferenças e a democratização dos meios, fazendo da cultura nada mais que um objeto de estudo. O autor aponta que um dos pressupostos básicos que devemos considerar para não cairmos nessa tendência é o fato de que,

> em tempos de capitalismo tardio, a cultura (...) se converteu em alicerce fundamental para a reprodução do capital. (...) a criação de riqueza já não se baseia tanto na exploração de recursos naturais nem na produção de bens industriais de consumo (...), mas na produção de bens simbólicos levados ao mercado na forma de imagens e conhecimentos. (s/d:07)

Este aspecto faz com que nossas atenções sejam redobradas, pois com ele entendemos que as imagens e os textos são representações coletivas e ideológicas[7], o que faz com que os meios sejam convertidos, eles próprios, em aparelhos ideológicos (CASTRO-GÓMEZ, s/d). Nesse sentido, de acordo com CASTRO-GÓMEZ, "a vantagem da cultura mediática sobre os outros aparelhos ideológicos está, precisamente, no fato de que seus dispositivos de sujeição são muito menos coercitivos". Segundo o autor, "neles não circula um poder que 'vigia e castiga', mas um poder que seduz" (s/d:14). Nesse aspecto, para além do poder disciplinário da modernidade, criticado por FOUCAULT, CASTRO-GÓMEZ diz que estaríamos agora "à frente do poder libidinal da globalização" (s/d:14). Considerando que hoje a leitura que fazemos dos produtos mediáticos depende muito do modo no qual a 'notícia' é encenada, CASTRO-GÓMEZ nos diz:

---

[6] Para CASTRO-GÓMEZ (Op.cit.), o Althusser dos anos 70 separa-se da noção negativa e do modelo crítico de ideologia desenvolvido por Marx para adotar uma noção agonística de ideologia. Ele dirá: "Aqui as ideologias são vistas como um sistema de crenças (...) que servem para dar sentido ao mundo e à nossa práxis no mundo". Nesse sentido, diz o autor: "as ideologias cumprem a função de serem 'concepções de mundo' que penetram na vida prática dos homens e são capazes de animar e inspirar sua *práxis* social" (s/d:09).

[7] Para CASTRO-GÓMEZ (s/d:14), "a ampliação do conceito de ideologia (...) pode ser muito valiosa para entender como as imagens, figuras e narrativas simbólicas (...) constroem representações que servem para reforçar o domínio de uns grupos sobre os outros. Esta representações ideológicas não são (...) unitárias, como pensava o primeiro Althusser. Através dos meios constroem-se não somente as grandes ideologias econômicas e políticas, mas também ideologias de gênero, raça, sexualidade e posição social que não são necessariamente reduzíveis umas às outras". Esta reflexão, somada à de APPADURAI (2003), que vê as imagens e textos como representações sociais fundamentais para a construção de sentido no mundo contemporâneo, conduz o eixo da nossa reflexão.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

> A guerra das imagens sobre a guerra será ganha por aquele grupo que, no intuito de imprimir sentido, melhor utilize o poder libidinal, ou seja, por aquele grupo que ponha em marcha todos os mecanismos sedutores da imagem para obter o consentimento não coercitivo dos consumidores (s/d:16).

Sob essa perspectiva, faz-se necessário avançar no nosso trabalho de escavar este discurso que sofre a ordem de um poder e de um desejo que, ao que tudo indica, se revela na sua própria tessitura. Em um contexto pós-colonial, seja pelo exemplo inaugural do Movimento Zapatista[8] ou mesmo pela entrada dos *weblogs* e das rádios comunitárias, os lugares e as falas no cenário jornalístico contemporâneo são também políticos, se considerarmos serem eles produtos tanto do avanço tecnológico como de práticas de sobrevivência nas sociedades em desenvolvimento. Conforme se constata, o lugar político das falas da mídia, principalmente porque inscritas no contexto de uma sociedade pós-industrial, vincula-se a outros parâmetros e categorias, o que faz com que o olhar lançado sobre os produtos da mídia implique a tomada de caminhos mais profundos.

DO OBJETO DA FALA A FALA DO OBJETO

Desse modo, pontuamos, informar ou produzir imagens e textos, nos discursos cujos procedimentos internos são pautados por uma classificação de informações, como é o caso do jornalístico, significa dar forma ideológica e cultural aos fatos pré-existentes. Uma constatação relevante, mas que, se descontextualizada, exaure-se nela mesma porque, de certo modo, iguala os discursos, pois nos deixa à deriva do que neles pensamos ser o verdadeiro ou o falso, reiterando o nosso lugar de investigadores do enunciado. FLUSSER nos ajuda a estender este problema, mostrando que há sempre algo mais a ser retirado do trabalho de escavação. Ao dizer do processo de classificação de informações, este autor diz:

> todo indicativo científico [onde cabem perfeitamente as informações jornalísticas] tem aspectos políticos e estéticos; todo imperativo político tem aspectos científicos e estéticos; todo gesto optativo (obra de arte) tem aspectos científicos e políticos (2002:49).

Com a problemática assim ampliada, parece-nos importante ressaltar que é preciso reconhecer que o lugar político das falas jornalísticas não se desvincula do estético que nelas se instala e ao qual elas se submetem. O agravante de que nos dias atuais o poder coercitivo esteja vinculado a um poder libidinal – para continuar excluindo é preciso também seduzir – além de ser um forte indicador de que, na

[8] Ver ORTIZ (2005).

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

dimensão do conflito, a ampliação do espaço de fala não significa necessariamente democratização dos meios, mantém-nos reféns daqueles que sabem melhor produzir as imagens e os textos. Desse modo, parece-me, trabalhar na perspectiva de uma possível diferenciação dos narrares, ao mesmo tempo em que nos faz pensar a quê nos serve o conflito, ensina-nos, quem sabe, a produzir e apontar diferenças: há narrares que, no intuito de explicar os fatos, buscam verdades totalizantes? Há outros que visam a uma dimensão mais complexa?

Sob esse aspecto, CANCLINI, interessado no cruzamento das perspectivas econômicas e antropológicas no campo do discurso que tem sido construído acerca dos processos globalizatórios, coloca-nos frente a um desafio: "Que relatos – nem simplesmente épicos nem melodramáticos – podem dar conta das recomposições que se produzem entre o local e o global?" (1997:32). Ao demandar uma postura muito mais complexa que meramente explicativa, este autor não só corrobora a idéia de que há um longo trabalho a ser feito no que se refere à construção de pensamento acerca do mundo contemporâneo, como também nos auxilia a problematizar a questão dos relatos da história do presente, estes cujo espaço sofre, na grande maioria das vezes, a delimitação de uma perspectiva de ordem totalizante, porque explicativa.

Sem dúvida, ainda que seja relevante indagarmo-nos se a invasão sofrida pelo Iraque será assunto no jornal do dia, diante do processo de polarização e pulverização das falas, não deixa de ser menos importante procurar conhecer as formas e os lugares em que se darão os dizeres sobre a invasão. O avanço tecnológico que exacerba a produção das narrativas e nos faz saltar aos olhos a pluralidade de modos de narrar os fatos do cotidiano deve, pois, nos fazer atentos à perspectiva de que há narrativas que dotam o mundo de diferenças, enquanto há outras que não; de que há as que rechaçam as particularidades e ainda há as que as ressaltam; há as que dizem de um lugar em movimento e as que narram o mundo como algo estático. Do mesmo modo, devemos nos atentar para o fato de que podemos ler as narrativas de forma a reforçar a estática das coisas – uma leitura de perspectiva culturalista – ou de forma a compreender e ressaltar suas dinâmicas, uma perspectiva que se deseja cultural. Tudo depende, é preciso ressaltar, do nosso arcabouço epistemológico e das nossas intenções e proposições.

O Jornal "Folha de São Paulo", do dia 26 de março de 2006, traz vários artigos sobre os produtos da mídia que têm como tema os dilemas da favela no Brasil. São variados os produtos mediáticos cujo conteúdo gira em torno desta problemática e a

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

apresentação de um documentário, “Falcão – os meninos do tráfico”, além de reacender a discussão em torno do tema que aborda, pode também auxiliar a conduzir nossa reflexão. Exibido e exaustivamente anunciado pelo “Fantástico”, no dia 19 de março de 2006, o documentário foi feito pelo Rapper MV Bill, que nas suas entrevistas se auto-intitula mais legítimo para falar daquele lugar, pois é alguém que nasceu e viveu nas favelas. Ao apresentar o que ele considera ser a realidade dos menores que servem de “vigias” dos morros, verdadeiros “falcões” cuja função é avisar aos traficantes da chegada da polícia nas favelas em que vivem e trabalham, MV Bill, com as imagens técnicas que produz, acredita ser capaz de mobilizar o país de forma distinta. E a TV Globo, que então anuncia que fará uma interrupção de 1 hora na sua programação dominical, parece compactuar com a certeza de MV Bill, pois afirma que teremos acesso, naquele domingo, a imagens nunca antes vistas sobre o tráfico e as favelas.

De fato, as imagens causam um tremendo impacto. No dia seguinte, as falas dos que assistiram ao documentário trazem, basicamente, dois enfoques: alguns vários se mostram absolutamente chocados com o que viram, enquanto outros assumem uma postura de indiferença, pois se dizem já sabedores daquele fato, eles são bombardeados diariamente com notícias e imagens sobre o mesmo tema. A reação do primeiro grupo parece nos apontar como o pânico que eles sentem encontra sua materialização nas imagens de meninos que, com as faces cobertas por uma tarja preta, revelam a dureza e a crueldade de se viver do tráfico. O outro grupo, por sua vez, parece nos dizer que não há nada de novo naquelas imagens, pois aquilo de que elas dizem é algo já visto e mostrado em vários outros lugares. O exemplo deste primeiro impacto causado pela apresentação daquele documentário no cenário televisivo, revela-nos o que também não é novo, impotentes diante de uma realidade tão distante do que somos ou desejamos, ficamos sempre fadados ao pânico ou à indiferença.

Para a antropóloga Alba Zaluar, em artigo da Folha, no dia 26 de março de 2006, a repercussão deixa “provado mais uma vez o poder de comunicação que o veículo televisão tem sobre os demais, não só pela sua capacidade de penetrar em tantos lares, mas pela força das imagens, associadas à voz e à letra do que é dito”. O episódio, ao que parece, traz à tona a força das imagens técnicas, que além de nos levar a buscar os fatos naquilo que eles revelam de mais verdadeiro, faz, por exemplo, com que o realizador daquelas imagens específicas, por razões ligadas à sua própria experiência de vida, se apresente como detentor de uma fala legítima. Assim, fazendo-nos presos “à voz e à letra do que é dito”, nós nos atemos sempre ao objeto da fala, enquanto nos perdemos

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

cada vez mais dos modos como as notícias são encenados, da fala que está contida no objeto.

Zaluar, no mesmo artigo, revela-nos algumas das incoerências do dito, "sem apresentar dados novos", segundo ela, "'Falcão' lança um olhar terno sobre os pequenos traficantes, mas submerge na cultura do gueto e ignora os demais atores sociais presentes em 'Notícias de uma Guerra Particular'". Assim, ao comparar aquele produto com um outro, ficamos sabendo que aquela notícia encenada daquele ângulo deixa à deriva outros ângulos que podem ser também significativos para a compreensão do problema. Em "Notícias de uma Guerra Particular", o documentarista João Moreira Salles, que não traz em si a marca de quem viveu em uma favela, ao abordar o tema na perspectiva dos policiais e dos bandidos, mostra-nos que "são muitas as vozes, muitos os atores do drama", diz Alba Zaluar.

Os diversos produtos sobre as favelas, sejam os vários *weblogs*, documentários, relatos impressos e filmes sobre as guerras particulares do dia-a-dia – as pequenas grandes guerras que hoje somos impelidos a experimentar – dizem, antes de tudo, que há vários modos de narrar o acontecimento. A dimensão do estético no político, que busco aqui ressaltar, diz da necessidade de escutarmos / lermos a fala do objeto. Quando a notícia vira uma mercadoria pós-industrial, não basta sabermos do que se passa nas favelas, mas também dos modos que sobre elas se falam, instâncias nas quais várias vozes e vários sentidos podem, por vezes, se revelar.

Assim parece possível ressaltar que uma diferença só pode efetivamente se produzir se nos atentarmos para o fato de que é nos modos de narrar que, a despeito e com o auxílio da polarização e da pulverização dos lugares e das falas, que o diverso pode se fazer apresentar. Nesses modos variados, quando o que é trazido à cena é a própria vontade de verdade, redescobri-la na sua dimensão estética pode contribuir para que nos façamos aflitos, não necessariamente porque queiramos seguir em busca do verdadeiro, mas, muito provavelmente, porque desejamos conhecer os vários ângulos do mesmo problema. Neste lugar, entre o velamento e a produção das diferenças, está em questão a verdade do acontecimento e não a de quem dele diz. Se hoje, para além do poder coercitivo, o que nos concerne diz respeito a um poder de caráter libidinal, este olhar proposto ao campo do jornalismo acredita ser necessário buscar antes a fala do objeto, muito mais prioritariamente do que o objeto da fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large* – cultural dimensions of globalization. Minneapolis: Univ. of. Minnesota Press, 2003.
CANCLINI, Néstor García. *Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local*. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.
CASTRO-GÓMEZ, Santiago. "Althusser, los estúdios culturales y el concepto de ideologia", http://www.javeriana.edu.co/pensar/Alt.html (acesso junho/2006)
FLUSSER Vilém. *A filosofia da caixa preta – ensaios para uma futura filosofia da fotografia.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Loyola, 1996.
GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999
MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
ORTIZ, Pedro. "Das montanhas mexicanas ao ciberespaço". *Revista Estudos Avançados*, set./dez. 2005, vol.19, no.55, p.173-186.
QUERÈ, Louis. "D'un modéle épistemologique de la communication à un modéle praxéologique". (*Reseaux*, Paris, mars/juin 1991, n.46-47)
RODRIGUES, Adriano Duarte. "Para uma genealogia do discurso da globalização e da experiência". BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Lisboa, 2000.
_____. *O campo dos media – discursividade, narratividade, máquinas*. Lisboa: A regra do jogo, 1984.
ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
SANTOS, Boaventura de Sousa. "Os processos da globalização". In: SANTOS (org.) *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, 2001, p.31-109.
TRAQUINA, *O que é jornalismo.* Lisboa: Quimera, 2003.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings